

OUTRAS PRÁTICAS POSSÍVEIS DE ENSINO SOBRE OS CORPOS NOS PROGRAMAS PIBID E PRP

Eduardo Santos de Araujo¹
Willian Mirapalheta Molina²
Lavínia Schwantes³

RESUMO

O entendimento dos corpos, em algumas práticas, pode ocorrer de forma limitada à sua materialidade biológica. Entretanto, este viés, focado apenas nessas características, numa percepção universal que não dá conta das diversidades humanas, desconsiderando outros aspectos que também constituem os corpos. A perspectiva que se propõe é pensarmos nos corpos como construções biossociais, produzidos por meio de suas relações biológicas, históricas e culturais, permitindo compreender os diversos marcadores que se constroem sobre eles e a partir deles: gêneros, sexuais, étnico-raciais, geracionais, etc. Cabe salientar que a escolha do uso de “corpos” é justamente por compreender que são plurais e múltiplos, abrangendo sua diversidade. A partir dessa percepção, diversas atividades foram desenvolvidas no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) e do Programa de Residência Pedagógica (PRP), envolvendo formações, discussões e práticas pedagógicas em parceria com escolas municipais e estaduais do município do Rio Grande/RS. Nosso objetivo neste relato de experiência é apresentarmos e discutirmos as atividades desenvolvidas ao longo de dois subprojetos, um interdisciplinar entre Química e Biologia no PIBID, e outro de Biologia no PRP. Descrevemos os seguintes acontecimentos: roda de conversa com licenciandos e professores sobre gênero e sexualidade; discussão e atividades com relação às diversidades de gêneros e sexuais no Ensino Fundamental; discussão sobre gênero e sexualidade no Ensino Médio; regências sobre os corpos e sexualidades no Ensino Fundamental e uma palestra pensando gêneros e sexualidades. Tivemos o engajamento dos estudantes e professores nos espaços em que dialogamos sobre essas temáticas. Percebemos o quanto vários estudantes se sentiram representados em nossas falas, e ressaltamos, ainda, que as discussões são bastante incipientes, em todos os níveis de ensino.

Palavras-chave: Corpo biossocial, Diversidade, Educação.

INTRODUÇÃO

Esta escrita compreende algumas das discussões decorrentes do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) e do Programa de Residência Pedagógica (PRP), a partir das atividades construídas sobre os corpos e seus inúmeros marcadores identitários: de gêneros, sexuais, étnico-raciais, geracionais, etc.

As vivências, com o tema, ocorreram no âmbito de dois subprojetos vinculados à Universidade Federal do Rio Grande – FURG. O Subprojeto Interdisciplinar Química e

1 O *Jamboard* é uma lousa digital onde diversos usuários podem interagir de forma simultânea. O Google encerrou as atividades da plataforma em 2024.

2 Graduado pelo curso de Ciências Biológicas - Licenciatura da Universidade Federal do Rio Grande - FURG, araujoeduardo2000@gmail.com;

3 Graduado pelo curso de Ciências Biológicas - Licenciatura da Universidade Federal do Rio Grande - FURG, willianmolina12345@gmail.com;



Biologia – QuiBio, constituído por 31 pibidianos – licenciandos de Química e Ciências Biológicas, três professoras da rede básica – supervisoras e duas docentes-orientadoras, ocorrendo entre 2020 e 2022, e o Subprojeto Ciências e Biologia – RPBio, com 18 residentes – licenciandos de Ciências Biológicas, três professoras da rede básica – supervisoras e uma docente-orientadora, ocorrendo entre 2022 e 2024.

Os programas PIBID e PRP são voltados ao aprimoramento da formação inicial e continuada de professores – estudantes de licenciatura, professores da Educação Básica, em parceria com suas respectivas escolas, e docentes das universidades associadas (Brasil, 2023). Tais iniciativas constituem uma ponte entre Ensino Superior e Educação Básica, oportunizando aos estudantes de graduação a aproximação com as escolas, o desenvolvimento de atividades e o compartilhamento das experiências e aprendizados.

Portanto, o nosso objetivo neste relato de experiência é apresentarmos e discutirmos as atividades desenvolvidas ao longo dos dois subprojetos, em que os corpos foram o foco das discussões, proporcionando uma série de debates sobre gêneros, sexualidades, juventudes e entre outros.

A percepção de corpos que tomamos, compreende que eles são construções biossociais, produzidas através da sua relação biológica, histórica e cultural, em constantes transformações. Deste modo, foge da ideia de um corpo universal, que se baseia apenas em sua materialidade biológica, já que este desconsidera outros aspectos que também constituem estes corpos (Raquel Quadrado, 2012). Esta percepção possibilitou pensarmos em outras abordagens, que buscassem compreender a multiplicidade dos corpos. A opção pelo uso de “corpos”, no plural, ao invés de “corpo” demarca a percepção de que não existe um corpo único ou universal, mas sim corpos diversos.

Essa abordagem traz consigo contribuições históricas do feminismo e permite questionar os discursos biológicos que naturalizaram modos de existência em detrimento de outros, possibilitando pensar outras formas de vivermos, a partir das nossas singularidades (Fabiana Carvalho, 2021). Entretanto, não se pretende abandonar a Biologia ou banalizar suas construções científicas, mas sermos críticos aos seus discursos, e estar atentos se estão excluindo ou agregando as diversidades (*ibidem*).

Portanto, “o que se enfatiza são os processos e as práticas discursivas que fazem com que aspectos dos corpos se convertam em definidores de gênero e de sexualidade e, como consequência, acabem por se converter em definidores dos sujeitos” (Guacira Louro, 2015, p. 82). Como o discurso da relação de coerência e continuidade entre sexo-gênero-desejo, onde se supõe que o sexo (entendido por características biológicas) determina o gênero, neste caso



binário, que por sua vez indica o desejo, especificamente, pelo sexo/gênero oposto (*ibidem*). Construindo um corpo pautado em percepções cisheteronormativas, onde quem nasce com pênis será homem e quem nasce com vulva será mulher, assim como, a atração sexual só ocorrerá por sujeitos do sexo/gênero oposto.

Este discurso, que desconsidera as diversas outras formas de se viver os gêneros e as sexualidades, contribui para um cenário de invisibilidades e coloca os corpos que desafiam esta lógica naturalizada em situações de preconceito, discriminação e opressões. O panorama atual evidencia que o Brasil é o país que mais mata pessoas trans no mundo, pelo 16º ano consecutivo, sendo que somente no ano de 2024 foram assassinadas 122 pessoas trans e travestis (Bruna Benevides, 2025). Portanto, pensar e sermos críticos aos discursos interpelados por nós enquanto professores, se faz necessário e urgente.

Ao relembrar a construção dessas práticas pedagógicas, vejo que os caminhos que trilhamos vão de encontro com a proposta de “pensar de outros modos: a possibilidade de fazer uma escola outra na escola estabelecida [...] pensar a transformação da escola, no fazer do dia a dia do trabalho pedagógico.” (Sílvio Gallo, 2015, p. 442). Deste modo, ao construir nossas práticas, buscamos pensar de outros modos os corpos nas aulas de Ciências e Biologia, para além da sua anatomia e/ou fisiologia, mas também as marcas que se constroem sobre e a partir deles.

METODOLOGIA

O percurso metodológico dessa escrita busca descrever os diferentes movimentos realizados com temáticas sobre os corpos, puberdades, gêneros e sexualidades. As atividades ocorreram de forma *online* e presencial, com discussões e rodas de conversa, em grupo de graduandos e professoras, assim como, regências e atividades com estudantes do Ensino Fundamental e Médio.

Uma das primeiras discussões surgiu em um encontro (online) do PIBID. Na oportunidade, discutimos sobre a abordagem da temática puberdade. A partir disso, levantamos também outras questões que se tornaram pertinentes para serem pensadas, como as diversidades de gêneros e sexuais. Diante disso, surge o nosso primeiro movimento, ao perceber que questões como estas precisavam alcançar maiores discussões, apresentamos a proposta e nos encarregamos de organizar duas rodas de conversas.

A primeira roda de conversa foi organizada por nós enquanto pibidianos, com o objetivo de ser um momento de formação e discussões sobre as questões de gênero e



sexualidade, para todo o grupo de graduandos e professoras. A partir das nossas leituras e conhecimentos construímos uma apresentação em slides e dinâmicas virtuais utilizando plataformas como o *Jamboard*⁴. Já para a segunda roda de conversa, convidamos para dialogar conosco uma professora que vem discutindo as questões de gênero e sexualidade na escola, podendo contribuir com seu olhar mais atento para os desdobramentos, embates e possibilidades para trabalhar a temática.

O segundo movimento foi a construção de uma regência e a primeira inserção em sala de aula, em uma turma do Ensino Fundamental de 8º ano. A aula teve como o objetivo discutir as diversidades de gêneros e sexualidades, ocorrendo de forma virtual e utilizando plataformas digitais, com apresentação de slides, jogos e as questões levantadas pelos estudantes. A inserção ocorreu após as aulas da professora regente sobre órgãos genitais, buscando trazer outros aspectos sobre os corpos, para além daqueles geralmente já explorados nas aulas de Ciências.

Os demais movimentos ocorreram já no PRP, de forma presencial, em espaços e contextos diferentes, onde tínhamos uma autonomia maior em planejar e ~~de fato~~ reger as aulas. Foram construídas regências em diferentes escolas parceiras do subprojeto, assim como uma palestra em uma terceira escola a convite da direção, a partir de uma professora do grupo.

As primeiras regências foram desenvolvidas com uma turma do 8º ano, onde a temática surgiu a partir da elaboração das atividades sobre o Dia Mundial do Meio Ambiente, com a proposta de pensar os corpos como o primeiro meio ambiente ao qual vivenciamos e estabelecemos trocas. As atividades com a turma ocorreram em dois encontros.

O primeiro encontro buscou introduzir a temática, com as palavras “Corpo, modificações e transformações” escritas no quadro. Os estudantes foram questionados quais coisas essas palavras lembravam, que foram sendo escritas no quadro formando um mapa mental. Além disso, os alunos escreveram em papéis dúvidas/curiosidades/questionamentos que foram colocados em balões e jogados na roda formada por eles, posteriormente foram estourados e a leitura das perguntas foi feita e discutida.

Já no segundo encontro, com o tema “adolescência”, os estudantes trouxeram escrito em papéis as coisas “boas e ruins de ser adolescente”, que tinha ficado de tarefa da aula anterior. As questões foram escritas no quadro e em seguida discutidas com eles em uma roda de conversa.

Em uma outra escola, as atividades ocorreram em duas turmas de Ensino Médio do 3º ano. Os corpos foram discutidos a partir das diversidades de gêneros e sexualidades, e os diferentes preconceitos e opressões sobre alguns deles. Para introduzir o tema, inicialmente foram lidas algumas manchetes de notícias sobre casos de LGBTfobia e um vídeo com relatos de pessoas LGBTQs sobre os preconceitos vivenciados. Posteriormente, foram discutidas as diferentes percepções do que são as identidades de gênero, orientações sexuais e expressões de gênero.

Por fim, a convite de uma escola, realizamos uma palestra para discutir as questões de gênero e sexualidade, com a participação de turmas dos anos finais do Ensino Fundamental. A conversa ocorreu com os estudantes e também professores em forma de roda de conversa. A partir de uma apresentação de slides, discutimos sobre a diversidade de corpos, focando nas identidades de gênero, orientações sexuais e expressões de gênero, buscando pensar a relação dessas questões em seu cotidiano familiar e na escola, assim como os preconceitos e discriminações vivenciados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Destacamos o papel fundamental que os programas tiveram na nossa construção enquanto professores, como expõe Jorge Monteiro et al. (2020) estamos “experimentando o chão da escola” e nos construindo enquanto docentes. Nestes espaços conseguimos reinterpretar e nos experimentar como profissionais da educação. Tais experiências nos provocam a refletir sobre a realidade escolar, os diferentes contextos da educação, os diversos percursos metodológicos e também se a docência é uma decisão acertada, e isto, o programa torna-se efetivo neste quesito – experimentação e identificação profissional.

Assim como, buscamos aproveitar os espaços e os grupos de diálogos, que nos provocaram e permitiram também fazer provocações, a pensar de outros modos a escola, as aulas de Ciências e de Biologia. Isso permite que possamos observar nossas próprias práticas pedagógicas e conteúdos com maior criticidade, buscando pensar em outras formas de apresentar os conteúdos que muitas vezes se mostram de forma dada, naturalizada e pouco questionada.

O contato com o tema gênero e sexualidade transita entre relações de pertencimento, por sermos pessoas LGBTQs, e o nosso compromisso social enquanto educadores em todos esses espaços, em que dialogamos sobre os desafios enfrentados por esta comunidade na contemporaneidade. Notamos que, não importa o nível de ensino – Fundamental, Médio ou



Superior – falar sobre a diversidade de corpos gêneros e sexualidades ainda perdura de forma incipiente.

Entretanto, as nossas inserções nas escolas possibilitaram ver como estes assuntos, cada vez mais, fazem parte do cotidiano das juventudes. Alguns estudantes se mostraram participativos, com perguntas e relatos pessoais, se sentindo em um ambiente seguro e de confiança para dialogar conosco. Espaço onde podiam levantar seus questionamentos e fazer suas reivindicações, especialmente estudantes LGBTQTs, suscitaram sentimentos de identificação. Enquanto que outros, estavam mais quietos, prestando pouca atenção. Além disso, houveram situações em que os próprios pais dos estudantes vieram até a escola manifestar seus descontentamentos com a abordagem do tema.

Isso demonstra que os estudantes estão imersos numa “dinâmica social e cultural mais ampla, alvo da atenção e dos apelos da mídia, das igrejas, [...] escapam, certamente aos controles de qualquer discurso – escolar ou não – que se pretende único ou homogeneizador” (Guacira Louro, 2014, p. 141). Assim como, carregam também consigo “mitos”, entre eles, que “mencionar a homossexualidade vai me tornar homossexual” e “que são muito jovens para serem ou terem contato com pessoas LGBTQTs”, questões essas que colocam a heterossexualidade como o “normal” ou “natural”, enquanto que aqueles que se identificam como homossexuais sejam os anormais ou impróprios (*ibidem*).

É exatamente nessas circunstâncias que o papel do professor se torna fundamental, buscar assumir que somos todos sujeitos construídos socialmente, onde algumas coisas em seus determinados lugares se tornam norma ou centro, mas “é preciso, pois, pôr a norma em questão, discutir o centro, duvidar do natural...” (Guacira Louro, 2014, p. 145). Portanto, que as nossas aulas não sejam as verdades absolutas que eles devem ouvir, mas que sejam um local onde os diferentes pontos de vista ganhem espaço e sejam propícios às discussões, aos questionamentos, às dúvidas e etc.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As vivências apresentadas nesta escrita evidenciam a importância dos programas para a formação de educadores(as), seja na formação inicial ou continuada, criando coletivos que privilegiam o diálogo entre teoria e prática, oportunizando a troca de experiências e conhecimentos entre diferentes realidades, gerações e perspectivas. As escolas se tornam verdadeiras parceiras nestas trajetórias estabelecendo vínculos e sendo solícitas em abraçar as



propostas de trabalho, além de seguir firme com os desdobramentos após a intervenção do tema.

O papel da Educação está para além da habilitação em conceitos e práticas restritas aos conteúdos disciplinares, mas compreende a formação cidadã dos sujeitos. Neste sentido, compreendemos que as discussões sobre os corpos, gêneros e sexualidades é de suma importância na escola, assim como na formação dos educadores, tendo em vista a necessidade de ter uma melhor qualificação para amparar e promover a abordagem em sala de aula.

E enquanto professores e futuros professores, estejamos atentos sobre quais corpos nossas práticas estão falando e, se estão incluindo ou excluindo. Seguimos na busca encorajada, em meio aos inúmeros desafios vivenciados nas escolas, para que nossas práticas não percam seus significados, não abandonem sua importância e o seu potencial de mudança.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos aos professores e colegas, que vivenciaram esses momentos conosco, construindo momentos de debate e reflexão, contribuindo e qualificando as discussões, na busca por uma prática mais coletiva, social e dialógica.

Aos subprojetos RPBio e QuiBio, grupos aos quais fizemos parte, que se constituíram como um espaço de construção coletiva, proporcionando reflexões e aprendizados, orientados com excelência pelas docentes-orientadoras.

As professoras da rede básica que acolheram e receberam as nossas propostas nas escolas, além disso pela incansável parceria na construção, reflexão, diálogos e desdobramentos das atividades envolvendo a temática. Assim como, as demais professoras e grupos de pesquisa envolvidos, nas leituras e reflexões teóricas.

A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES, pelas bolsas que promovem a realização das atividades e as vivências na docência.

REFERÊNCIAS

BENEVIDES, Bruna G. Dossiê: assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras em 2024. ANTRA (Associação Nacional de Travestis e Transexuais) – Brasília, DF: Distrito Drag; ANTRA, 2025. Disponível em: <https://antrabrasil.org/wp-content/uploads/2025/01/dossie-antra-2025.pdf> Acesso em: 28 fev. 2024.



BRASIL. Ministério da Educação. **Programa de Residência Pedagógica**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/residencia-pedagogica> Acesso em: 28 ago. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. **Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência - PIBID**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/pibid> Acesso em: 28 ago. 2023.

CARVALHO, Fabiana Aparecida de. Marcando passos, a(r)mando lutas: o(s) feminismo(s) e outras “bio-logias” na compreensão dos gêneros e sexualidades. **Revista de Ensino de Biologia da SBEnBio**, [S. l.], v. 14, n. 1, p. 427–452, 2021. DOI: 10.46667/renbio.v14i1.480. Disponível em: <https://renbio.org.br/index.php/sbenbio/article/view/480>. Acesso em: 28 fev. 2025.

GALLO, Sílvio. Pensar a escola com Foucault além da sombra da vigilância. In: CARVALHO, Alexandre; GALLO, Sílvio. Repensar a educação 40 anos após Vigiar e Punir. São Paulo: **Livraria da Física**, 2015. p. 427-449.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista. 16. ed. Petrópolis: **Vozes**, 2014.

LOURO, Guacira Lopes. Um corpo estranho - ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: **Autêntica**, 2015.

MONTEIRO, Jorge Henrique de Lima; QUEIROZ, Leonardo Cordeiro de; ANVERSA, Ana Luíza Barbosa; SOUZA, Vânia de Fátima Matias de. O Programa Residência Pedagógica: dialética entre teoria e a prática. **Holus**, [s.l.], v. 3, n. 36, p. 1 - 12, 2020. Disponível em: <https://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/9545/pdf>. Acesso em: 28 fev. 2025.

QUADRADO, Raquel Pereira. Práticas bioascéticas contemporâneas: notas sobre a produção dos corpos nas diversas instâncias sociais. In: SILVA, Fabiana Ferreira da; FREITAS, Diana Paula Salomão de (org.). II Seminário corpos, gêneros, sexualidades e relações étnico-raciais na educação. Uruguaiana: **Unipampa**, 2012. p. 10-24.

